

Branco e Silva (Márcio Páscoa)



Nascido na última década do século XIX num seringal às margens do rio Purús e à entrada do rio Tapauá, foi batizado Leovegildo Ferreira da Silva. Seus pais eram Francisca Ferreira da Silva e João Ferreira da Silva, português que fazia a vida na exportação de borracha. Com um ano e meio de idade o menino deixou o seringal São João onde nascera e rumou para a Europa, ao lado das irmãs e de parentes mais chegados.

Em Berna, Suíça, fez o curso primário e depois foi estudar em Lisboa, onde frequentou o Liceu de Artes e Ofícios e talvez a Academia de Belas Artes.

A quebra do ciclo da borracha trouxe certamente dificuldades aos negócios do pai, que teve de mandar voltar o filho. Este, chegado a Manaus, coincidentemente achava-se em idade de serviço militar e foi prestá-lo no 26º Batalhão, onde teve como companheiros Álvaro Maia e Américo Antony.

Mais tarde montou seu ateliê de pintura, passando a executar placas para o comércio, fazendo cenografia, decorando salões para bailes carnavalescos e dando aulas de pintura.

Seus conhecimentos de espanhol, francês e alemão, que falava e escrevia, também lhe valeram a condição de intérprete em ocasiões e situações diferentes.

À certa altura da vida precisou voltar ao Purús para verificar propriedades de família e lá se demorou cerca de um ano. Acredita-se que este contato mais prolongado com o gigantismo da natureza amazônica deva ter influenciado definitivamente os aspectos de maravilhoso e fantástico em sua obra.

Dentre suas obras destacam-se o Presépio Maravilha, premiado em Congressos Eucarísticos, menções honrosas e um diploma do Vaticano, como 1º lugar em Arte Sacra, na III Feira Nacional da Indústria, em São Paulo, no ano de 1949. Outra obra sacra de relevo é a «Santa Ceia», esculturas em tamanho natural, reprodução da obra de Delin Frères, de Paris, autorizada pelo Vaticano e que se expôs no Rio de Janeiro, em São Paulo e Belo Horizonte.

Outros trabalhos escultóricos seus incluem o conjunto intitulado «Lendas e Fatos Amazônicos», conjunto de peças em tamanho real que têm por tema o belo e o horrendo no lendário da região, obra esta que se expôs em Manaus, São Paulo e Rio de Janeiro, com registrado sucesso.

A sua obra pictórica, talvez mais numerosa, dispersou-se na partilha de bens entre os filhos, havendo também algumas telas que representam caracteres humanos amazônicos que se encontram no Museu Smithsonian, nos Estados Unidos.

A grande popularidade como decorador de salões carnavalescos em Manaus induziram certamente ao contrato de restauro que executou na bem conhecida obra de De Angelis e Centofanti no Teatro Amazonas, mas de questionado resultado.

A obra de Branco e Silva foi sempre voltada ao estilo conhecido como Realismo Mágico, quer fosse o gênero sacro ou paisagístico, permanecendo em ambos os casos o forte caráter místico e popular.

Embora tivesse ainda algumas posses de família, conseguiu resultados financeiros no seu ofício. Quando da escultura do Presépio, em 1929, ano de dificuldades econômicas, cobrava ingresso para os interessados em adorar a obra; fora da época natalina a mesma obra servia de palco para a apresentação de lendas, que ele as fazia executar em papier marché, sempre aberto ao público, mediante pagamento de ingresso.

Branco e Silva faleceu em Manaus no mesmo dia 2 de fevereiro em que nascera, no ano de 1961.

Fontes:

1. V.A. - «*Centro de Artes Chaminé*», Manaus, Governo do Estado do Amazonas, 1993
2. V.A. - «*Centro de Artes Chaminé*», Manaus, Governo do Estado do Amazonas, n.d [1994?]

(*) Márcio Páscoa é Professor da UEA, Mestre em Artes pela UNESP e atualmente é doutorando em Ciências Musicais pela Universidade de Coimbra.